

JORGE DE SENA: ENTRE BRASIL E PORTUGAL

Christiano dos Santos Costa
UFF / PIBIC – CNPQ

*Nascido em Portugal, de pais portugueses,
e pai de brasileiros no Brasil,
serei talvez norte-americano quando lá estiver.
Coleccionarei nacionalidades como camisas se despem,
se usam e se deitam fora, com todo o respeito
necessário à roupa que se veste e que prestou serviço.
Eu sou eu mesmo a minha pátria.*
Jorge de Sena

Qualquer pronunciamento acerca da extensa e complexa obra de Jorge de Sena, seja sobre sua produção literária, seja sobre sua obra crítica, deve ser feito com o máximo rigor para não cairmos naquele impressionismo abominado pelo próprio Sena. Por isto, nesta comunicação, pretendemos, apenas, apontar a importância mediadora dessa produção crítica que a nós, brasileiros, deveria interessar mais.

É fato conhecido que Jorge de Sena veio para o Brasil em 1959, por motivo do famigerado regime salazarista, e aqui permaneceu até 1965, um ano após o golpe militar que instalou a ditadura entre nós. Durante esse período, foi enorme tanto a sua produção poética quanto a crítica. Mas o que não pode passar despercebido é que Jorge de Sena leu, escreveu e pensou a cultura brasileira, revelando um interesse e acuidade analítica que poucos intelectuais brasileiros demonstravam pelo país. E não foi um interesse superficial, pois o escritor português tratou profundamente de vários períodos da história literária brasileira, desde a literatura colonial (nesta, afirmando o patrimônio cultural comum de Portugal e do Brasil e distinguindo os vários períodos de que essa literatura colonial se compôs) até o modernismo brasileiro, mostrando ainda grande conhecimento da literatura então contemporânea (e a resenha “Brasil – 1960” é surpreendente pela abrangência de informações sobre os lançamentos daquela data). Mas não

se dedicou somente à literatura brasileira: a essa preocupação aliou-se o interesse pela exatidão histórica e cultural, como, aliás, é uma marca de toda a sua crítica no estudo de qualquer literatura. Assim, dos ensaios, prefácios, conferências e artigos reunidos no excelente volume *Estudos de Cultura e Literatura Brasileira*, o crítico Jorge de Sena tratou, em um grande ensaio, da literatura brasileira colonial e, em ensaios mais breves, da literatura modernista e de vários outros períodos da literatura brasileira sempre *em relação com que a literatura portuguesa* estava realizando em cada um desses períodos. Ainda o escritor português realizou ensaios, de mais profunda inteligência crítica, sobre grandes escritores como Machado de Assis, Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira, Euclides da Cunha e outras personalidades menores da literatura brasileira. No conjunto de textos publicados nesse livro, encontram-se ainda os estudos mais específicos sobre a cultura do Brasil que se destinavam a serem publicadas em periódicos portugueses: esses estudos receberam o título de «Cartas do Brasil» e serão, mais adiante, o foco de uma análise mais detida. O Brasil é, nessas «cartas», verticalmente analisado, demonstrando várias faces de um Brasil que muitos brasileiros desconhecem. São, por esse aspecto, os estudos brasileiros senianos imprescindíveis para qualquer estudo da realidade brasileira contemporânea.

Outro aspecto fundamental dessa produção é a problematização da relação entre Portugal e Brasil. O Brasil, em relação aos estudos históricos e, ainda mais, aos estudos literários, muitas vezes parece desconhecer a profunda complexidade de sua relação com a antiga metrópole. Esse desconhecimento acarreta indesejável simplificação dos fatos, o que provoca a distorção, ou mesmo, a ignorância de momentos diversos de nossa história cultural comum, refletindo um

nacionalismo não-inteligente por parte dos brasileiros¹. Na verdade, uma constatação angustiante de Sena é que o Brasil só estuda Portugal (e mesmo assim esse estudo é demasiado superficial) para estudar o próprio Brasil, ou nas palavras de Jorge de Sena: “Portugal não passa, para esse resto, como aliás para todos, daquela história que é estudada, só em função do Brasil, desde Pedro Álvares de Cabral à Proclamação da Independência”². A situação se agrava em relação ao estudo da literatura, pois que nosso sentimento de nacionalidade, às vezes, ultrapassa (e, por isso, distorce) a real interpretação dos fatos. Em resumo e em relação ao Brasil, a consciência crítica seniana demonstra a complexidade sócio-cultural, a coexistência de todas as idades sociológicas, a problemática da língua portuguesa, o crescimento da imigração não-portuguesa para o Brasil, e a preocupante vacuidade cultural que, ainda hoje, nossas instituições estão longe de resolver. E, em meio disso tudo, a relação da literatura brasileira com a literatura portuguesa é sagazmente desenvolvida, desde o período colonial até à década de 70, quando Sena falece.

Pensando a problemática das relações luso-brasileiras, Sena examina, por exemplo, a diferença entre o Modernismo português e o Modernismo brasileiro, num ensaio sobre Manuel Bandeira. Enquanto o nosso Modernismo enfrentou o falsamente universalizante e retoricamente bombástico Parnasianismo, o português enfrentou uma tradição outra, que, nas palavras de Sena, estava “reagindo contra o que era dissolução vaga da realidade em saudade, preconizada pelo grande Pascoaes e os seus seguidores, ou contra o nacionalismo literário carregado de conotações agrárias (...), ou, também e ainda mais, um regionalismo de raiz naturalista, que tudo junto dominava a literatura de então”³. Ora, a diferença de tradições implica a diferença de rupturas. O Modernismo português foi mais universalizante (até mesmo quando nacionalista, como em

¹ Há vários exemplos flagrantes do desconhecimento da história portuguesa e da história da literatura portuguesa nos estudos brasileiros que são, devidamente, apontados por Jorge de Sena como ampliando ainda mais a distância entre os intelectuais portugueses e os intelectuais brasileiros.

² SENA, Jorge de. *Estudos de Cultura e Literatura Brasileira*. Lisboa: Edições 70, 1988. p.: 73.

³ SENA, Jorge de. *Estudos de Cultura e Literatura Brasileira*. Lisboa: Edições 70, 1988. p.: 130.

Mensagem, almejou Fernando Pessoa por um redimensionamento mítico de Portugal) em busca mesmo de um redescobrir de personalidade dos poetas até “a dissolução completa da personalidade, da psicologia e da criação estética tradicionais”⁴. O Modernismo brasileiro foi mais combativamente nacionalista em total oposição aos «gregos» e «romanos» Parnasianos. Os brasileiros, em especial Mário de Andrade, procuraram redefinir a personalidade do homem brasileiro em face da múltipla e desconhecida realidade nacional. Os modernistas portugueses procuraram problematizar o próprio conceito de personalidade humana. Dessas características dentre outras (que a falta de tempo impede de discutir aqui), é que surgem as diferenças entre o modernismo português e o modernismo brasileiro – ainda não muito relevado em estudos⁵.

Dedicar-nos-emos ao estudo mais atento de suas «Cartas do Brasil» que, juntamente com outras crônicas, como já afirmamos, publicadas em periódicos portugueses, quando já aqui Sena se encontrava, revelam de uma forma bastante pertinaz o descobrimento do Brasil por um intelectual português. Revelam ainda estas cinco cartas o caminho crítico percorrido por Jorge de Sena até à constatação da realidade adversa a quaisquer possibilidades de diálogo sério e frutífero entre Portugal e Brasil. Ao aqui aportar, Sena percebe que o Brasil é não só geograficamente mas também culturalmente maior do que Portugal – grandeza esta que passa por aqui e por lá totalmente despercebida (“Portugal não faz uma ideia clara do que seja a actividade intelectual e literária do Brasil”, afirma Sena – e, talvez, pudéssemos afirmar que nós, brasileiros, também não). São vários os centros culturais intimamente ligados com as várias regiões, mas, nacionalmente, o reconhecimento só se estabelece no eixo Rio-São Paulo. A esse reconhecimento adiciona-se uma extrema e discrepante heterogeneidade das múltiplas regiões brasileiras e mesmo

⁴ SENA, Jorge de. *Estudos de Cultura e Literatura Brasileira*. Lisboa: Edições 70, 1988. p.: 131.

⁵ O estudo da diferença entre o Modernismo português e o Modernismo brasileiro é de suma importância, por exemplo, em relação ao estudo da obra de Fernando Pessoa por um estudante brasileiro que mostrará uma certa surpresa com alguns postulados de Fernando Pessoa ou Mário de Sá-Carneiro, se não estiver ciente de tal diferença.

no interior de cada uma delas. Todas as eras «históricas» coexistem no Brasil, nas palavras de Sena:

*A idade da pedra polida, as idades dos metais, os núcleos urbanos incipientes, o feudalismo agrário e terratenente, as migrações de grupos vivendo da pecuária, a aristocracia mercantilista, a sociedade patriarcal e escravagista, os grandes aglomerados urbanos e proletários da revolução industrial, a mata virgem, as savanas incomensuráveis, a floresta equatorial da Amazônia (...) tudo isto coexiste num país imenso, em que a noção de distâncias vai se perdendo, não porque esteja desbravado totalmente, mas porque o homem, graças à técnica, salta por cima do que ainda o não está. Todos estes estádios de desenvolvimento histórico-social, todas estas fases da humanização geográfica, não só coexistem, como podem coexistir ignorando-se mutuamente.*⁶

A complexa diversidade da realidade brasileira é, desta forma, analisada por Jorge de Sena, desafiando os lugares-comuns em que os brasileiros se comprazem em permanecer e que os portugueses mais desatentos adoram repetir. Na realidade, o problema do Brasil é exatamente o seu maior motivo de orgulho: a sua grandiosidade. Somos grandes territorialmente, somos vastos de riquezas naturais, somos unidos, apesar das diferenças, política e culturalmente, mas ainda assim somos pequenos em relação ao mundo. Dessa forma, procuramos nos ocultar sob as mais diversas máscaras que nós próprios criamos. Sena procura nos desmascarar (e não apenas o Brasil, pois a sua atitude crítica teve sempre como alvo principal tudo quanto pareceu falso e mentiroso, principalmente em Portugal). O olhar reflexivo seniano não é, nem pode ser um olhar turístico:

*“Eu invejo sinceramente os escritores-turistas, aqueles que são capazes de visitar um país que nunca viram e de que quase nunca ouviram senão generalidades, cuja língua não falam, cuja população não contactam, de cujos problemas não inquirem, e que, no entanto, regressados de uma estadia de quinze dias nos hotéis de luxo (...) opinam com ligeireza encantadora e com deliciosa e ponderosa irresponsabilidade. E os leitores de boa-fé acreditam”*⁷.

⁶ SENA, Jorge de. *Estudos de Cultura e Literatura Brasileira*. Lisboa: Edições 70, 1988. p.: 71-72.

⁷ SENA, Jorge de. *Estudos de Cultura e Literatura Brasileira*. Lisboa: Edições 70, 1988. p.: 95.

Na complexa realidade da identidade brasileira, Portugal sempre foi ambigualmente tratado ora como um indesejado ora como uma pátria “irmã” – mas, se somos irmãos, somos irmãos que se desconhecem completa e mutuamente e que, pior, não se esforçam pela compreensão mútua.

A declaração de Sena é radical em relação ao intercâmbio luso-brasileiro: “não pode Portugal distrair-se de que a sua cultura é antepassada deste país, mas está ausente dele, como se o nosso fosse uma Roma extinta, de que apenas sobram compónios e banqueiros”⁸. A ignorância mútua é sistematicamente nutrida. Estudamos apenas curtos períodos da literatura portuguesa, e desses períodos muito estão desvencilhados de nossa literatura colonial (que, na mente de muitos historiadores da literatura, é *brasileira* e, se é brasileira, não pode fazer parte, como fizera, da cultura lusitana). Este desconhecimento faz com que nomes como Camões (hoje completamente ignorado por aqueles que passaram pelo ensino médio do Rio de Janeiro), Eça de Queirós, Fernando Pessoa e atualmente José Saramago sejam vistos como casos *sui generis*, não no sentido de gênios que são, mas no sentido de ilhados em meio do nada. Ora, como poeta português, Gastão Cruz em um pequeno estudo sobre Pessoa, afirmou: “conheci autores de teses sobre a sua obra [de Pessoa] que se interrogavam acerca do estranho facto de o autor de «Tabacaria» ter surgido numa literatura onde «não havia mais nada»”⁹.

Os fatos desenrolam-se desta maneira por assim estarem institucionalizados, Sena adverte. O Brasil não possui nem possuirá conhecimento de Portugal, se não houver um esforço imenso de procura, de investimento e de solidificação de instituições de intercâmbio cultural. Estas são reivindicações datadas de 1963, e podemos perceber o quão distantes ainda estamos de qualquer ideal. Estabelecer também alguma forma mais barata de comércio de livros, pois: “Os amigos

⁸ SENA, Jorge de. Estudos de Cultura e Literatura Brasileira. Lisboa: Edições 70, 1988. p.: 99.

⁹ CRUZ, Gastão. *A Poesia Portuguesa Hoje*. 2ª ed., Relógio D'Água, Lisboa, 1999. pp.: 25-26.

verdadeiros de Portugal são, no Brasil, uma legião que vive dispersa e no desespero de não encontrar um livro, e de, quando o encontra, não ter dinheiro para comprá-lo”¹⁰. Na “Quinta Carta do Brasil”, a mais áspera e desiludida, chega mesmo a dirigir a uma fundação, a Fundação Gulbenkian, para solicitar ajuda no oferecimento de livros portugueses, no subsídio de entidades culturais que promovam o conhecimento da cultura portuguesa.

E quem estuda literatura portuguesa deste lado do Atlântico não pode deixar de perceber que o Brasil faz-se ignorante em muitos aspectos para continuar a manutenção de um *status quo*, porque, nas palavras de Sena, no Brasil, é arraigada a idéia de “que todos os males se deviam ao passado e não ao reaccionarismo presente”¹¹. Assim sendo, é muito mais conveniente – tão conveniente que chega a ser tomado como verdade histórica – que somos atrasados, pequenos e pobres porque fomos colonizados por portugueses... Este menosprezo ao português (e quantas piadas não sabemos?) espalhou-se, desde que nossa consciência nacional saiu de sua infância (em literatura, no período romântico) por todos os momentos históricos. O levantamento de quanto preconceito e de quanta desleitura já se fez entre Portugal e Brasil foi uma das tentativas de Jorge de Sena em alguns artigos sobre a história de nossas literatura, realizando mais do que crítica literária e, sim, mediação cultural profunda no encontro / desencontro de dois povos de língua comum.

Realçado esses vários aspectos da visão crítica seniana sobre o intercâmbio luso-brasileiro, terminamos com as palavras sobre Jorge de Sena de um grande poeta e um grande brasileiro, Carlos Drummond de Andrade:

“Não soubemos conservá-lo conosco, nem sequer chegamos a conhecê-lo na plenitude de seu espírito. Foi um professor que passou pelo Brasil, de 1959 a 1965. Mas que sonhou em dar ao Brasil, através da língua portuguesa, uma situação de prestígio na literatura mundial. Se não o

¹⁰ SENA, Jorge de. Estudos de Cultura e Literatura Brasileira. Lisboa: Edições 70, 1988. p.: 99.

¹¹ SENA, Jorge de. Estudos de Cultura e Literatura Brasileira. Lisboa: Edições 70, 1988. p.: 390.

conseguiu, não foi por omissão. Merece a nossa lembrança, embora tardia”¹².

E a melhor forma de lembrar o crítico e poeta português será estudarmos o que Sena pensou e escreveu com a mesma seriedade e inteligência. Com Jorge de Sena, aprendemos que amar não é idolatrar ou ufanar-se mas conhecer criticamente, analisar continuamente. E, para que uma relação real seja instalada entre Brasil e Portugal, todas as diferenças devem ser realçadas, conhecidas e estudadas, pois, em nenhum momento, Portugal será melhor que o Brasil, ou Brasil melhor que Portugal, como querem os ufanistas de ambos os lados, mas ambos os países poderão, pela sua tradição cultural, formar um conjunto cultural mais integrado e *forte* em relação às pressões de esvaziamento da cultura exercidas por todos os lados.

¹² SANTOS, Gilda (org.). *Jorge de Sena em Rotas Entrecruzadas*. p.: 13.